

Cinema

Texto
Adelino Gomes

Fotografia
Miguel Silva

Tenho
70 anos.
Já não posso
perder muito
tempo.

José Fonseca e Costa

realizador



Foi cineclubista, colecionou êxitos de bilheteira, estagiou com Antonioni, recebeu prémios e distinções raras – Quinzena dos Realizadores em Cannes, selecção para candidatura ao Óscar para o melhor filme estrangeiro. Mas a vida de José Fonseca e Costa está longe de se resumir ao cinema. Alguns episódios do percurso de um filho-família que no tempo de Salazar albergou dirigentes comunistas na clandestinidade e privou com alguns dos principais fundadores dos movimentos de libertação das ex-colónias de África, onde nasceu.

Ninguém acredita mas o bilhete de identidade está lá para o garantir. Talvez pelo desporto que praticou desde a infância — foi campeão de salto em altura e em comprimento, fez ténis, mais tarde praticou golfe — aparenta 56, 57 anos, no máximo. Tem 70 e pela lei da vida sente que não lhe restam muitos anos. Cineasta tardio (o seu primeiro filme de ficção estreou tinha ele 38 anos) é a filmar que José Fonseca e Costa quer acabar os seus “últimos anos de vida”. Daí a urgência em concretizar “dois ou três projectos”. Todos no cinema, depois de se ter dispersado por outras actividades: Conselho de Opinião da RTP, cronista mediático, direcção da Escola de Actores, que o entusiasmou como entusiasmo tudo o que o liga aos actores. Acostumado a somar êxitos, não suportou o fracasso de “Os Cornos de Cronos” e esteve sete anos sem filmar. Talvez por isso não consegue disfarçar a ansiedade com que aguarda o veredicto do público, agora que a sua última obra, “O Fascínio”, acaba de estreiar.

Daqui a poucas horas vai estreiar o seu filme. Sente-se nervoso?

Já estreou. Já lá vai o tempo em que as estreias eram à noite. Apercebi-me hoje de que não é assim. De manhã tive que ir a um centro comercial e dei-me conta de que a primeira sessão era logo à uma e meia.

Para além dela, fez uma série de projecções privadas. Porquê? Para quê?

Realmente nunca tinha feito. Tenho uma maneira de trabalhar muito estranha, nunca mostro o filme a ninguém. Mas desta vez achei que devia mostrar a algumas pessoas.

Qual é a fasquia com que parte para este reencontro com o público?

Parto sem fasquia. As condições em que são exibidos os filmes em Portugal são de tal maneira anormais que é impossível fazer previsões.

As salas hoje são melhores do que eram dantes.

Tecnicamente talvez sejam — som, talvez ecrãs. Mas são salas demasiado pequenas para tão grandes ecrãs e tão

grandes reproduções sonoras. Depois há aquelas salas em que há o metropolitano a passar por debaixo — o que constitui um acréscimo à banda sonora do filme como deve calcular... —, o ar condicionado...

Qual a opinião que recolheu das projecções privadas?

Fiquei com a ideia de que o filme tem uma quantidade de ingredientes que satisfazem em princípio o que o grande público pode esperar de um filme, mas com uma série de restrições que o tornam provavelmente mais apetecido por um público mais conhecedor de alguns passos históricos que servem de pano de fundo à intriga. Ora, o público que frequenta as salas de cinema hoje tem maioritariamente entre 15 e 25 anos.

Um problema, portanto?

Hoje o público que vê cinema não é apenas nem principalmente o que se desloca a uma sala. Os norte-americanos têm números que indicam que 35 por cento das receitas de um filme são feitas em sala. Tudo o resto é feito por todos os outros meios de difusão: os DVD, as televisões, o cabo.

Tudo coisas em que o seu produtor [Paulo Branco] está a pensar?

Certamente que sim. Além de produzir, ele distribui e exhibe. Quando olha para o filme ele está a pensar também nos outros negócios que se podem fazer com o filme. Vamos acabar com a ideia de que o filme não é uma obra que se negoceie.

Mas também é arte, ou não?

É com certeza absoluta. Mas é feito com meios tecnológicos caríssimos produzidos por indústrias fortíssimas. Portanto o cinema é uma indústria e o filme uma obra de arte. Mas destinando-se a comunicar com o público, o filme é para se vender. O que não quer dizer que se vendam todos da mesma maneira. Há filmes que foram grandes obras de arte e não se venderam nada. Mas há filmes que são obras de arte e se venderam muitíssimo. Dizer como alguns dizem em Portugal que o cinema é uma forma de arte não é →



→ uma indústria, é uma desculpa que muitas vezes justifica a falta de comunicação de alguns filmes. Se o meu filme não comunicar bem com os públicos, o primeiro responsável por isso serei eu próprio.

O público tem sempre razão em cinema?

Nem sempre. Mas é preciso dar oportunidade aos filmes para lhe chegarem, e esse tem sido o meu ponto. No caso português nem todos os filmes chegam ao público da mesma maneira: um filme americano chega muito mais facilmente do que um português. Ou seja, o Estado português tem sido tão torpe a tratar das suas coisas que ainda não regulou o mercado por forma a que todos os filmes portugueses possam chegar às salas da mesma maneira que chegam todos os filmes importados, designadamente os americanos.

Não é a lei do mercado?

Teoricamente tem razão, na prática não. Os Estados Unidos são o país do mundo onde mais protegidos são os

Essa situação acabou porque houve alterações profundas no mercado que levaram a que as salas fossem sendo compradas por grandes empresas multinacionais que exploravam principalmente filmes americanos e deixou de haver uma massa que financiasse os filmes das outras cinematografias. O distribuidor trabalha com pacotes de filmes. Hoje quem fornece o pacote maior são os americanos. Portanto, o filme americano passa à frente de todos os outros.

Um filme português que mostrasse ter respiração para atrair o público alguma vez foi afogado por essa política?

Posso dar-lhe um exemplo pessoal: o filme “Cinco Dias, Cinco Noites” não teve acesso ao circuito de salas da Lusomundo. Embora de então até agora as circunstâncias se tenham alterado, a Lusomundo existia em Portugal em situação de abuso de posição dominante. Não lhe quero dizer que houve perseguição ao meu filme, mas não entrando no circuito de salas dela

Paramount, anti-trust — que impede os distribuidores de serem detentores de salas para além de um determinado número. Ou seja, está assegurada a existência de exibidores independentes. É isso de resto que dá ao cinema americano uma enorme saúde.

Se o público não pegar neste seu novo filme vai rever algum dos seus critérios profissionais?

Eu tenho sempre tudo para rever, não tenho nunca certeza de nada. A verdade só o é até ao momento em que nós descobrimos que afinal era mentira. Como dizia o [Jorge Luis] Borges a única coisa que sei é que não sei quando é que vou morrer. Se o filme não tiver espectadores, mesmo que seja por culpa das tais condições adversas (o que é difícil de apurar), não vou ao ponto de dizer “estão-me a perseguir! não promoveram bem o meu filme!...”

A perspectiva angustia-o, portanto.

É evidente. Tantos projectos que gostaria de fazer já. Tenho que ser realista. Se porventura penso que sei fazer filmes, que tenho algum poder de comunicação, tendo 70 anos já não posso perder muito tempo. Além disso é a minha maneira de ganhar a vida. Só faço isto. Já não sei fazer mais nada.

Esteve sete anos sem filmar. A fazer o quê?

A configurar uma escola de actores, a dirigi-la, a ser professor, foi uma coisa que me deu imensa satisfação. A escola chamava-se Oficina de Actores. Funcionava na Casa do Artista. O proprietário era a NBP, essa fábrica de telenovelas.

Acabou?

Continua, mas entenderam que pode funcionar sem director, o que eu acho uma bizzarria. Gosto muito de escrever, escrevi para jornais durante muito tempo, agora escrevo só para

Vamos acabar com a ideia de que o filme não é uma obra que se negocie

produtos nacionais. Em matéria cinematográfica então, não lhes toquem em nada. Se nos outros países fossem aplicadas as mesmas medidas de protecção eu tenho a impressão de que a concorrência entre os produtos americanos e europeus seria mais séria. Já houve uma altura em que as grandes cinematografias europeias concorriam com a América — o cinema francês, o italiano, o espanhol.

Quem é que falhou: os criadores ou a indústria?

Os criadores não. Fellini, Visconti, Antonioni tiveram grandes fatias de público. No caso de Antonioni, com quem tive o privilégio de trabalhar [no filme “O Eclipse”], até com mais público do que no seu país. No Japão, por exemplo, era um êxito de massas.

Isso foi noutra tempo. E hoje?

(nessa altura cerca de 70 por cento do público potencial) posso concluir que o filme foi sonegado a esses potenciais 70 por cento.

O mesmo raciocínio pode aplicar-se a outros filmes que sejam distribuídos por qualquer outra distribuidora que não a Lusomundo.

O que acontece na prática é que há produtos fabricados em Portugal que estão impedidos de chegar ao público a que têm direito. É necessário regular este mercado. O que não basta, pois eles são distribuidores e exibidores simultaneamente. Continuo à espera que apareça neste país um político inteligente que perceba que o cinema pode ser uma excelente indústria, não poluente, e que dá lugar à fabricação de filmes não só portugueses mas também estrangeiros. Um ponto em que ele terá necessariamente de mexer será na regulação do mercado. Nos EUA vigora uma lei desde 1947 — a lei

mim, mas como tenho pouco tempo de vida — quanto mais velho se é menos tempo de vida se tem — gostava de acabar os meus anos de vida a trabalhar em cinema. A fazer dois ou três projectos.

Um deles "O Senhor Ventura" [obra sobre um livro homónimo de Miguel Torga]?

Esse é um "script" magnífico, mas é um projecto caríssimo. Estiveram criadas todas as condições mas de repente parou, é uma história que passa por Macau. O projecto eventualmente será retomado. Mas tenho outros. O que eu gostaria era de não parar de filmar. Envolver-me cada vez menos em coisas em que acho que perdi muito tempo porque não deram resultado — as da intervenção política no sentido de se criarem condições melhores para a implantação da produção regular de filmes em Portugal. Isso obrigou-me a perder muito tempo a falar com políticos que no fundo não perceberam nada e fizeram tudo ao contrário, de tal maneira que estamos cada vez pior equipados, cada vez pior apetrechados, quando devíamos estar cada vez mais a fazer filmes com maior poder de comunicação e com maior diversidade.

Vai regressar ao seu casulo mais artístico, donde se calhar o criador nunca deve sair, deixando a outros a outra tarefa?

Se você viver num mundo em que as coisas estejam suficientemente bem organizadas para poder exercer bem a sua profissão, não tem que intervir. Se assim não for, vê-se obrigado a intervir e eu já lhe disse que sou um cidadão interveniente, a minha tentação é não me calar.

Na sua obra aparece sempre o Portugal recente, o fascismo, etc. Mas reage sempre que se fala no carácter político dos seus filmes. Porquê?

Durante um tempo o labéu de cineasta político era aplicado a um determinado tipo de cineasta que se colocava ao serviço de um regime para fazer a sua propaganda. É esta a ideia que há em muitas cabeças do cineasta político: alguém que foi pago pelos dirigentes da URSS ou da Alemanha, ou de Portugal para fazer o ci- ➔

Delgado, a senhora bonita e o carro blindado de Salazar

Qual foi a sua actividade no PCP, nos anos 50?

Eu sempre fui muito individualista, andei pelas tertúlias sempre de passagem, andei sempre em trânsito. O único grupo em que de facto me integrei foi nos cineclubes. Mesmo na minha acção política o que eu fiz foi pôr à disposição do partido político a que aderi as coisas de que dispunha. Tinha o privilégio de poder dispor de vários carros não porque fosse rico mas porque à minha volta as pessoas a que estava ligado o eram: o meu pai era uma pessoa de posses; o pai da minha mulher, mãe dos meus filhos, era uma pessoa de posses. Quando foi das eleições do general Humberto Delgado eu e a minha mulher (que foi uma pessoa admirável, Maria Fernanda Palma) andámos a transportar boletins de voto para fora de Lisboa utilizando ela um carro do pai acima de qualquer suspeita e que dificilmente a polícia mandaria parar nas barragens que tinha feito. Imagine um Mercury americano descapotável com uma senhora muito bonita, muito bem vestida, a guiá-lo, a Pide desconfiaria lá que na mala daquele carro ia uma carga de documentos para serem entregues nas sedes de campanha do general Delgado? Fizemos nessa altura uma quantidade de tarefas no género. Digo no plural porque nessa altura vivia com uma pessoa que sem ter sido militante de coisa alguma me ajudou na minha militância numa circunstância especial que foi essa da campanha do general Delgado. Das minhas actividades clandestinas ela não estava ao corrente, mas como partilhava a casa comigo, quando a Pide me foi prender ela assistiu à minha prisão.

A Pide afinal desconfiou, apesar do carro ser acima de toda a suspeita...

Não. A minha primeira prisão foi antes disso, em 1957, por ter ido à Rússia a um festival da Juventude. Esteve lá uma delegação portuguesa com representantes de todas as faculdades e eu aos olhos da Pide tinha ido incluído na delegação portuguesa. Investigavam mal, porque trabalhavam sobretudo com base em informações de pequenos "bufos". Se eles soubessem como é que eu tinha ido não me tinham solto ao fim de três ou quatro se-

manas, que foi o tempo que eu estive preso. Fui, pura e simplesmente, com os movimentos anti-coloniais: com o Mário Pinto de Andrade, com o Marcelino dos Santos, com o Aquino de Bragança [o primeiro, dirigente, o segundo "compagnon de route" da Frelimo moçambicana]. Depois não fui preso por causa da campanha do general Delgado. Fui preso mais tarde quando houve a grande purga do sector intelectual do PC por denúncia do célebre [Rolando] Verdial.

Como foi isso?

Lembra-se da célebre fuga [de oito dirigentes e funcionários do PCP] da prisão de Caxias, no carro do Salazar [um Chrysler blindado, em 4 de Dezembro de 1961]? Rebutaram o portão de Caxias e fugiram pelo caneiro de Alcântara. Dentro do carro vinha um homem que durante a campanha do Delgado frequentou a minha casa e que é hoje em dia um destacado dirigente comunista, Domingos Abrantes. Eu morava na Calçada das Necessidades, ele conhecia a minha casa, bate à porta e quem é que vem com ele? O Verdial, que eu não conhecia. Tomámos as precauções para que ninguém visse nada do que se passava lá dentro, e pelas nove e meia começam a tocar à porta outra vez. Não abrimos, mas eu levantei a persiana e quem é que vejo? O João Pulido Valente. Abri um bocadinho mais a janela e pergunto-lhe:

— O que é que queres?

— Abre a porta porque preciso de falar contigo.

— Diz lá o que é que queres?, insisto eu.

— Bom está bem: houve uma série de tipos do PC que fugiram e me apareceram lá em casa e eu preciso de mandar para aqui um.

— Já cá tenho dois. Então adeus.

O que é que acontece depois?

Eu não os podia ter muito tempo em minha casa e lembrei-me de os passar para casa da minha irmã [Ana], que já estava casada com o [advogado e banqueiro] Vasco Vieira de Almeida. O Verdial mais tarde é preso e denuncia toda a gente. Denunciou o Vasco em primeiro lugar. Eu fui o último a ser preso.●

→ nena oficial desses país. Nunca fui pago por ninguém para fazer coisa nenhuma dessa natureza. Recebi um dia uma proposta muito engraçada da qual lhe falo quando desligar o gravador, a título particular.

Os leitores também têm direito a saber.

Bom, talvez então no fim. É evidente que estando eu a fazer filmes que se passam em Portugal têm que ter uma componente política.

Sim, mas no seu vê-se mais. Vê-se que é um cineasta antifascista.

Pois concerteza. Eu nasci em 1933, e se vivi num país sofrendo na carne muito directamente aquilo que foi o terror, entre aspas, fascista, é natural que nos meus filmes eu exprima qualquer coisa quanto a isso.

É ou não verdadeira a ideia de que o seu primeiro filme, "O Recado" (1971), é a história do seu amigo João Pulido Valente [falecido em 4 de Agosto passado, protagonista, com Francisco Martins Rodrigues, da primeira cisão maoista do PCP, no início da década de 60], ou pelo menos parte dessa inspiração?

Inspiração haverá concerteza. Mas não é a história dele. O João foi meu amigo íntimo. Ele é o responsável porventura por eu ter militado alguma vez num partido político. Na altura o único organizado — estamos em 1950

tação. Fui amigo íntimo de quem os fundou, na pessoa do Mário Pinto de Andrade, do próprio Agostinho Neto, do Lúcio Lara.

Por que é que África não aparece na sua filmografia, à excepção de um documentário de 1967, proibido pela censura, e da longa-metragem "Música, Moçambique" de 1981? Depois do 25 de Abril não teve esse apelo? O António Pedro de Vasconcelos tentou.

Imagine que eu pensava adaptar por exemplo o "Mayombe", do Pepetela, ou "Os Cus de Judas", do António Lobo Antunes, que eu admiro muito, ou agarrava em experiências que amigos meus me contaram — o montante de dinheiro necessário jamais eu o conseguiria reunir. Se pensar bem nos "Imortais" [filme de António Pedro de Vasconcelos, recentemente estreado], a guerra colonial está lá apenas como pano de fundo, trata-se muito mais de um filme policial, que de resto sendo estilisticamente completamente diferente, traça deste país um retrato muito parecido com o que eu faço. Num caso como noutra chega-se à conclusão de que o crime compensa. Desse ponto de vista tenho a impressão de que estamos a traçar o retrato exacto de Portugal. Mas não creio que aquele seja um filme sobre a guerra colonial. É um filme sobre as

Não há meios em Portugal. Optei por isso pelo tipo de trabalho que tenho andado a fazer com a consciência da minha modéstia e que é, já uma vez o disse, o retrato de um país de corpo inteiro.

"O Fascínio" é um filme desencantado.

Quando falo em retrato do país a corpo inteiro estou a assumir muito a perspectiva do Alexandre O'Neill. A visão dele é tão desencantada e tão amarga como a que resulta da visão deste meu filme. Mas jamais, do O'Neill ou do meu filme, se pode extrair a conclusão de que queremos a extinção do país. Não: gostaríamos é que as coisas fossem melhores, sofrermos muito porque as coisas estão mal.

O filme parece ter sido escrito com o caso Moderna, o caso da Pedofilia em cima, e o livro da Maria José Morgado e do José Vegar ["O Inimigo Sem Rosto"] lido.

Leia-se aquele livro e digam-me lá se o que vem nele não é o que está dito no filme? E digam-me depois outra coisa: quem faz aquele livro tem ou não tem o desejo de que as coisas sejam diferentes? Tem ou não tem o desejo de que acabe a corrupção? Suponho que está latente. Quando você lê as informações sobre crimes cometidos diariamente e que vão ficando impunes, você pode dizer que este país está à beira de acabar. Mas não é seu desejo que assim aconteça.

Acabou por ser o ex-militante político a analisar o país?

Você está a chamar-me ex-militante na medida em que eu já disse que deixei de militar num partido político. Mas o facto de ter deixado de militar não quis dizer que tenha deixado de ser militante da vida. Continuo a escandalizar-me muito e a gritar muito porque certos crimes são cometidos e não são punidos. Grito contra todas as injustiças. Reporto-me a esse livro e a muitas outras coisas que li escritas por pessoas que são suficientemente lúcidas para dizerem que isto bateu no fundo e que é preciso que rapidamente renasça.

→

Dizer que o cinema não é uma indústria é desculpa para a falta de comunicação de alguns filmes

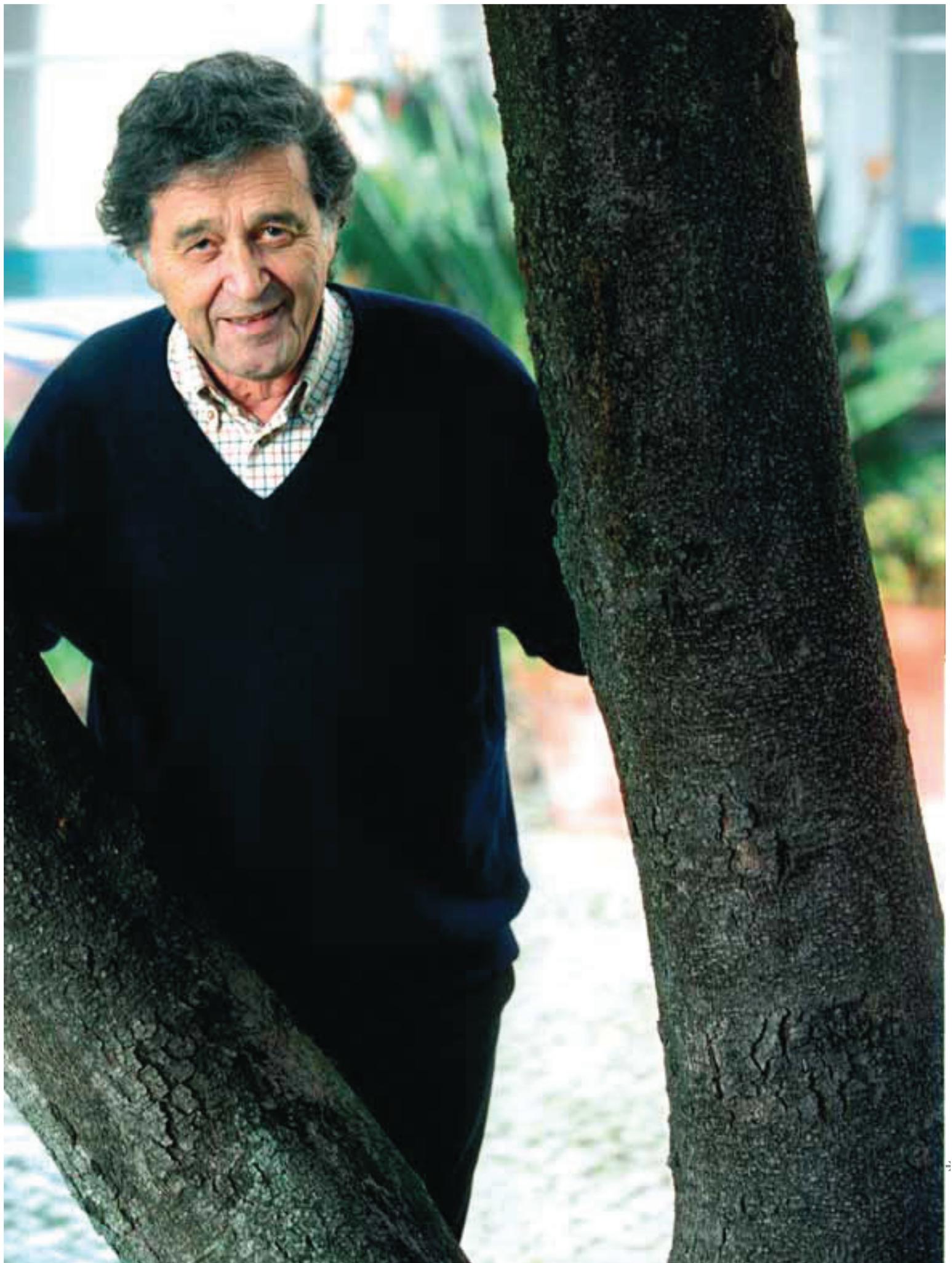
e tal — era o PCP. Depois acompanhei o seu percurso.

Politicamente também, quando ele cindiu com o PC?

Não, mas logo a seguir saí também. Mas de outra maneira. Ele tinha uma intervenção importante no PC. Eu não. Eu repetia muitas vezes uma frase do José Cardoso Pires, outro grande amigo meu e do João Pulido: "Em política sou um soldado raso. Depois de cumprir o serviço militar o soldado raso fica em casa." Há no entanto uma vertente que me distingue do João: eu nasci em África e vivi lá até aos 11 anos de idade. Acompanhei o nascimento dos movimentos de liber-

"retombées" [repercussões] da guerra colonial.

Não me estava a referir àquele filme, mas ao facto dele ter passado anos a tentar fazer a adaptação cinematográfica de um livro, aliás excelente, o "Nó Cego", de Carlos Vale Ferraz. Há um ou dois cineastas mais que fizeram algo nessa área mas ainda nos falta o grande filme sobre a guerra colonial.



→ **Angola teve algum peso na sua vida posterior?**

Vim de lá com 11 anos de idade. Isso é parte considerável da vida de uma pessoa porque é muito importante tudo aquilo que se vive até essa idade. Fiquei sempre com uma grande nostalgia. Além disso na minha família há uma grande vertente africana (ligada a Angola e a Moçambique também): nós estamos lá há quatro gerações, da parte da minha mãe.

Essa ligação desapareceu depois do 25 de Abril?

Das primeiras coisas que fiz logo a seguir foi ir para Angola. O primeiro filme emitido pela televisão de Angola depois da posse do I Governo de Transição foi um filme meu, feito com a ajuda do António Escudeiro e de mais dois ou três técnicos portugueses. Foi com esse filme que o Luandino Vieira, que então era o director da TPA, abriu as novas emissões. Vim-me embora poucos meses depois, não aguentei a guerra, sobretudo não aguentei as tensões, as desavenças que havia entre os dirigentes do MPLA que tinham o poder no MPLA e aqueles que no interior do MPLA, em nome da chamada revolta Activa (casos do Mário Pinto de Andrade ou do Gentil Viana), se batiam para que as coisas politicamente pudessem ter outra forma. Eu estava do lado destes, não estava do outro lado, e ter-me-ia sido fácil ficar do lado do poder. Mas eu tenho grande dificuldade em falar com o poder. Sempre que os meus amigos chegam ao poder há um diálogo que se interrompe. Não sei falar com o poder. Angola seria um

Qual era a sua função dentro do PCP?

Era um militante de base. O que aconteceu foi que na altura das eleições do Delgado uma parte do aparelho do PCP veio à superfície e eu dei-lhes apoio logístico, transportava-os, a minha casa era frequentada por eles, lembro-me por exemplo do José Magro, que recolhia lá um, dois dias, do Júlio Fogaça, e de outros. Todas essas tarefas, que não tinham grande relevo, eram no entanto desenvolvidas por mim com grande regularidade e muito afinco.

Por que é que se afastou do PCP?

A minha ida a Moscovo já tinha sido traumática. Quando lá cheguei vi que não era o paraíso e vim com algumas dúvidas. Simplesmente o que se passava em Portugal era de molde a que a luta antifascista se sobrepusesse. E aqui ela tornou-se logo a seguir muito acesa com as eleições. A única força política era o PCP, onde encontrei muitíssimo boa gente e gente muito bem formada. As circunstâncias da minha segunda prisão foram de molde a pôr em dúvida uma quantidade de princípios. Em princípio só duas pessoas haviam de saber o meu nome e quando fui confrontado com os papéis da polícia havia sete ou oito que me denunciavam e com grande exactidão. Quando saí, pretendi que isso fosse esclarecido e puseram-me naquilo que se chama o “frigorífico”. Ao mesmo tempo comecei a saber histórias, por exemplo a do João [Pulido Valente, denunciado pelo “Avante!”, em 1964] que não gostei de saber.

campo que em termos históricos é muito diferente daquele em que militou?

Há uma altura da minha vida em que estando eu contra as opções da televisão pública e estando ainda por cima no poder um Governo que se dizia de esquerda, o do PS (que não era a primeira vez que estava no poder e que em relação à televisão fazia exactamente o contrário daquilo que eu entendia devia ser a melhor maneira de actuar), recebo um telefonema de um senhor que ganhara o PSD, dr. Durão Barroso. Eu encontrara-o antes nas suas funções de ministro dos Negócios Estrangeiros nas quais me parecia ter actuado bem, designadamente no processo de pacificação de Angola. Explica-me que o PSD tem direito a indicar o nome de uma pessoa para ser eleita na Assembleia da República. “O nosso representante era o Vasco Graça Moura”, explicou-me ele, “e foi ele quem me aconselhou a contactar consigo. Quer ser conselheiro indicado pelo PSD à AR?” Respon-di-lhe: “Quero ou não. Se for para pôr em prática a política que em matéria audiovisual foi anunciada pelo seu partido digo-lhe já que não. Porque sou a favor de um serviço público de televisão forte, como a BBC guardadas as devidas proporções. Estando completamente contra aquilo que está a ser feito na RTP neste momento, e contra certas coisas que se anunciam que o PS quer fazer, se for para defender o que me parece justo e correcto eu aceito. Se for para obedecer a ordens com as quais não esteja de acordo, não conte comigo para nada”. Ele convidou-me a ir falar com ele. Tivemos uma conversa durante a qual ele me disse que estava completamente de acordo com as minhas ideias. Aceitei.

Como foi a experiência?

Muito esclarecedora. Correspondeu muito para o desencanto que este filme revela.

Acha que a RTP está hoje pior do que estava há um ano?

Não. Fez-se muito barulho por causa de nada. Algumas das mudanças que o PSD fez na televisão correspondem de resto a mudanças que o PS iria fazer e que não soube fazer a tempo e horas e sobretudo da melhor maneira.

O filme “Cinco Dias, Cinco Noites” não teve acesso ao circuito de salas da Lusomundo

muito melhor país se esse projecto se tivesse concretizado. Provavelmente ter-se-iam evitado os anos de guerra fratricida que marcaram o país tanto como a guerra colonial e que deixaram Angola na situação terrível em que se encontra, com uma miséria assustadora a ao mesmo tempo com nascentes de fortuna colossais que escapam ao meu entendimento e que não posso aprovar.

Passé a interessar-me por actividades ligadas aos movimentos africanos. Durante um tempo.

Recentemente foi conselheiro de opinião na RTP por parte do PSD. Sentiu-se à vontade para aceitar esse convite, aparecendo num

E é lamentável que o não tenha feito. Devo dizer que o PSD fez isso tendo cometido alguns erros que teriam sido evitáveis. Sobretudo se tivesse tido em consideração, olhe, a acção das duas pessoas que designou à AR e que foram eleitas para serem suas representantes no CO: o dr. Amândio de Azevedo e eu próprio. Bastava ouvir-nos e consultar-nos regularmente, coisa que nunca fez, para que todas as mudanças tivessem sido feitas mais depressa, com maior eficácia, sem tanto barulho e com resultados mais positivos e mais imediatos porque me parece que as coisas não estão ainda tão bem quanto deviam estar.

Nestes dias iniciais da carreira pública do filme como é que vai fazer? Aparece nas salas a espreitar se há gente?

Ficarei todo torcido mas não irei espreitar a nenhuma das salas.

Mas vai saber o afluxo. Como?

As coisas já não são o que eram. Por exemplo no “Kilas, o Mau da Fita” (1979) havia duas salas de estreia, o Éden e uma das salas do Quarteto. O filme foi produzido por mim e eu tinha a trabalhar comigo o José Violante Torres, casado com uma das minhas filhas. Uma das obrigações dele todas as noites era entrar em contacto com a central de informação que o tenente-coronel Luís Silva tinha montado na altura no Éden para saber todos os dias, onde quer que estivesse, os números de bilheteira das salas da Lusomundo. O senhor Oliveira ligava-lhe todas as noites, pela meia-noite, a dar esses números e eu encarreguei o Zé Torres de me fazer o mesmo logo a seguir. De modo que ele ligava para o senhor Oliveira e eu todos os dias pela meia noite e dez vinha para casa, sentava-me ao lado do telefone, e ele do outro lado:

— Já tem papel e caneta? Então tome nota. Éden, 1ª sessão, esgotado; 2ª sessão, esgotado; 3ª sessão, esgotado...

— Eh pá e o resto, o Quarteto?

— Tome nota (ele fartava-se de gozar): Quarteto: 1º sessão, esgotado; segunda sessão, esgotado; 3ª sessão, esgotado.

Isto todos os dias, durante meses e meses! Saber que um produto tem este impacto é extraordinário. Há uma

outra enorme satisfação: quando nos aplaudem. Nunca mais me esqueço a satisfação em Cannes, com a sala a ir abaixo de aplausos.

E então agora, como vai ser?

Não há condições para ter os números à meia-noite e dez... De semana a semana certamente é que vou saber.

Não queremos a extinção do país mas que as coisas sejam melhores, sofremos muito porque estão mal

Naquele ano, veja só, ia de terra em terra com os actores principais, foi um período exaltante, lembro-me em Coimbra, mil e tal pessoas, a sala literalmente apinhada e toda a gente a ficar no fim para a discussão. Hoje o cinema já não tem o mesmo impacto social e quem faz a contabilidade já não a faz da mesma maneira.

E a crítica, com quem tem uma relação difícil? Vai ser importante?

Já houve quem dissesse bem.

E mal. Hoje [26 de Dezembro, dia da estreia] até leva uma bola preta o seu filme.

No PÚBLICO, não?

Sim.

Acho natural. Quem dá cinco estrelas ao “Branca de Neve” [de João César Monteiro] tem de dar uma bola preta ao meu filme. Não sei até que ponto o público se deixa guiar pelas opiniões dos críticos. Tenho sérias dúvidas. No “Kilas”, por exemplo, se o público tivesse seguido o que disseram os críticos o filme teria tido zero espectadores.

Quer contar então em “on” a história de quando o tentaram contratar para um filme de propaganda política?

Eu tinha feito “Os demónios de Alcácer-Kibir”, o primeiro filme português a ser seleccionado para ir à Quinzena dos Realizadores do festival de Cannes. Foi muito bem recebido por toda a crítica, deu-me um certo renome, e passado um ano ou dois sobre o filme recebo um telefonema de alguém que aqui representava o Governo de Khadafi.

Quem?

Era um cidadão português, lembro-me onde era o escritório e o que é que lá havia mas não me lembro do nome dele. Diz-me: “O Khadafi está interessado em que seja feito um filme sobre o Livro Verde. Conhece-o?” Respondo que não. “Vai levá-lo e se gostar

está automaticamente convidado a fazer um filme sobre ele. Você dirá as condições”. Trouxe o livro e uma série de opúsculos sobre o “grande desenvolvimento” que a Líbia tinha conhecido sob o domínio do “grande líder” Khadafi. Achei o livro um bocado insípido, embora na altura houvesse alguns movimentos aos quais de certo modo andei ligado muito próximos de uma certa extrema-esquerda que estava de acordo com o Livro Verde. Vou falar com o homem no dia seguinte e ele pergunta-me:

— Quer fazer o filme ou não?

— Imagine que eu quero?

— Se você quiser diz quanto é que quer ganhar.

— E se eu disser que quero ganhar um milhão de dólares?

— Pois ganha um milhão de dólares. E além disso tem todos os meios à disposição para fazer o filme.

— Está-me a fazer esta proposta porque antes já a fizeram a umas trinta pessoas que disseram que não, está-se mesmo a ver.

— Não, não. É porque você é a pessoa considerada como capaz de fazer esse filme e porque nós estávamos muito empenhados em que ele fosse feito por portugueses e que a coisa passasse a ter uma espécie de bandeira líbio-portuguesa.

Eu disse-lhe que não.

Não vacilou ainda um pouco?

Não, não. Fiquei a saber nesse dia que um milhão de dólares não era o meu preço. O meu preço é certamente mais elevado. Não sei o que diria se ele dissesse 20 milhões de dólares... ●

A versão integral desta entrevista pode ser lida em www.publico.pt